




## Estudo da intenção empreendedora de estudantes da educação técnica de nível médio

### Study of the entrepreneurial intention of high school technical education students

Walterly Torres Buceles Junior <sup>1</sup> 

Emilly Pereira Martins <sup>2</sup> 

Hélio Trindade de Matos <sup>3</sup> 

Antonio Oliveira de Carvalho <sup>4</sup> 

#### Resumo

No cenário contemporâneo, o empreendedorismo ganha a cada vez maior importância para o desenvolvimento econômico. O objetivo do presente estudo foi analisar a relação entre a educação empreendedora e a intenção empreendedora entre estudantes do ensino médio técnico. Utilizando como referência o estudo realizado em Portugal por Rocha, Silva e Simões (2012) que constataram o aumento do incentivo a atividades empreendedoras no âmbito escolar. Foi utilizada uma pesquisa quantitativa com aplicação de um questionário com perguntas fechadas em uma escala de Likert de 5 pontos para identificar e medir o grau de compreensão e das intenções dos participantes por meio do cálculo do Ranking Médio (RM). Os resultados apontam que os participantes apresentaram alto nível de interesse pelo tema, destacam o papel da escola em fomentar um ambiente para o surgimento de novas ideias, o apoio da escola, dos amigos e da família e como positivo a educação que estimule novos negócios e a identificação de oportunidades como aproximação ideal entre escola e o ecossistema empreendedor.

**Palavras-Chave:** Empreendedorismo; Intenção empreendedora; Educação empreendedora.

#### Abstract

In the contemporary scenario, entrepreneurship is increasingly important for economic development. The aim of the present study was to analyze the relationship between entrepreneurial education and entrepreneurial intention among high school technical students. Using as a reference the study carried out in Portugal by Rocha, Silva and Simões (2012) who found an increased incentive to entrepreneurial activities in the school environment. A quantitative survey was used with the application of a questionnaire with closed questions on a 5-point Likert scale to identify and measure the degree of understanding and the intentions of the participants by calculating the Average Ranking (RM). The results show that the participants showed a high level of interest in the theme, highlight the role of the school in fostering an environment for the emergence of new ideas, the support of the school, friends and family and as a positive education that stimulates new business and the identification of opportunities as an ideal approximation between school and the entrepreneurial ecosystem.

**Keywords:** Entrepreneurship; Entrepreneurial intention; Entrepreneurial education.

**Cite as: (APA)** Junior, W. T. B., Martins, E. P., Matos, H. T., & Carvalho, A. O. (2021). Estudo da intenção empreendedora de estudantes da educação técnica de nível médio. *Revista Competitividade e Sustentabilidade*, 8(1), 56-71.

<sup>1</sup> Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. Brasil. E-mail: [torreswalterly@gmail.com](mailto:torreswalterly@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Brasil. E-mail: [emilly.martins@hotmail.com](mailto:emilly.martins@hotmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Brasil. E-mail: [helio.matos@ufma.com](mailto:helio.matos@ufma.com)

<sup>4</sup> Baiana Business School - BBS. Brasil. E-mail: [professorcarvalho@rocketmail.com](mailto:professorcarvalho@rocketmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019), no último trimestre de 2019 o Brasil possuía uma taxa de desemprego em torno de 11,2%, o que significa que o país possui um total de 11,9 milhões de pessoas afastada do mercado de trabalho. Nesse sentido, torna-se necessária a busca por alternativas que permitam contribuir para mudar este cenário. Para muitos brasileiros que vivem nessa condição, empreender passa a ser uma alternativa viável. Essa necessidade fica evidente com o crescimento recorde do número de trabalhadores autônomos, chegando um total de 24,6 milhões de pessoas (IBGE, 2019).

Segundo Baggio e Baggio (2014), o empreendedorismo é a base para o desenvolvimento de uma economia forte de um país. Desse modo, percebe-se um forte incentivo por parte do Estado em formar jovens empreendedores, onde até 2021 as escolas do ensino médio deverão inserir na sua grade curricular o ensino de empreendedorismo, referenciada na Portaria nº 1.432/2018 do Ministério da Educação (BRASIL, 2018).

Nesse sentido, Lopes, Lima e Nassif (2017), destacam que, em épocas com os altos níveis de desemprego e baixas oportunidades de trabalho, o empreendedorismo serve elemento de auxílio para ajudar a população jovens a ampliar as oportunidades de acesso ao mercado.

Este estudo, considera relevante a investigação sobre como os jovens estudantes da educação técnica de nível médio entendem e reconhecem a possibilidade de gerarem as suas próprias atividades profissionais. Para realização deste trabalho, utilizou-se como base o estudo desenvolvido em Portugal, no qual Rocha, Silva e Simões (2012), concluíram que ocorreu um aumento significativo do número de programas de incentivo às atividades empreendedoras desenvolvidas em âmbito escolar por diversas entidades pesquisadas.

Para buscar compreender a intenção dos estudantes em desenvolver um novo negócio, o presente artigo guiou-se por meio da Teoria do Comportamento Planejado (TCP), em que estudiosos como Carvalho e González (2006), Baggio e Baggio (2014), Birchler e Teixeira (2017) e Ajzen (1991), apontam como sendo o centro para a compreensão da Intenção Empreendedora (IE), uma vez que essa considera os esforços e os fatores que influenciam na tomada de decisão do indivíduo. Desta forma, o objetivo central deste estudo foi de identificar e compreender quais são as influências da educação empreendedora sobre a intenção de empreender dos estudantes do ensino médio técnico.

Além desta introdução, são apresentados o referencial teórico sobre as temáticas do empreendedorismo, educação empreendedora e intenção empreendedora, tendo como foco as estudantes da educação técnica de nível médio de escola técnicas. Os dados obtidos neste estudo foram coletados por meio de questionário com perguntas fechadas utilizando a escala do tipo Likert de cinco pontos, tendo como objetivo de verificar o grau de concordância ou não dos estudantes por meio do cálculo do *Ranking Médio* (RM). Como resultados: alto nível de interesse dos participantes, papel da escola como fomentadora de novas ideias, apoio da escola, dos amigos e da família e a educação que estimule aproximação escola - ecossistema empreendedor são os destacados.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Empreendedorismo

O tema sobre empreendedorismo possui diversas abordagens e linhas de pesquisas distintas, portanto, este estudo busca analisar os aspectos econômicos, bem como os seus efeitos na economia e na sociedade. Para Baggio e Baggio (2014) o empreendedorismo é a engrenagem que gira as economias nacionais, contribuindo para o aumento do produto interno bruto (PIB), gerando emprego e renda. Desta forma, o desenvolvimento econômico de uma região pode ser medido levando em consideração a sua base de empreendedores.

Ao analisar o crescimento do PIB de diferentes países, Van Stel, Carree e Thurik (2005), notaram que em países com os menores PIB, tinha como semelhança o fraco efeito das atividades empreendedoras. Enquanto que, nos países com os maiores PIB, possuíam um elevado grau das atividades empreendedoras.

Ainda segundo os autores, essas características ocorrem devido ao fato de que nos países mais pobres os negócios que são criados devido a necessidade de quem está empreendendo. Enquanto que nos países mais ricos os empreendedores criam negócios inovadores e de acordo com as oportunidades identificadas no mercado, gerando, assim, mais renda e empregos.

Segundo Vale, Corrêa e Reis (2014) às pessoas começam a empreender ou por oportunidade, ou por necessidade, porém, nunca pelos dois motivos. Isso significa que diferente do empreendedor por oportunidade que sempre está atento às mudanças que ocorrem ao seu redor, os empreendedores por necessidade geralmente começam a desempenhar esse papel na sociedade por conta de fatores externos a ele, como por exemplo crise econômica, política e no mercado de trabalho.

Acs (2006) aponta que o empreendedorismo contribui para a sociedade com o desenvolvimento de novos negócios e o incentivo a competitividade, geração de novos postos de trabalho e o crescimento da produtividade. Nesse sentido, com o crescimento do grande número de desempregados e desalentados no Brasil, o empreendedorismo, na figura do empreendedor, serviria como uma solução possível para a retomada do crescimento econômico do país.

Nesse sentido, segundo Schumpeter (1934), corroborado com trabalhos contemporâneos como (Almeida, Valadares & Santana, 2017), destacam que o empreendedorismo pode ser considerado a partir da figura do empreendedor e da sua capacidade de inovar e de destruição criativa, ou seja, o empreendedorismo faz com que os modelos de negócios existentes sejam substituídos por novos modelos, que serão melhores e mais produtivos e mais eficiente que o anterior.

Nesse ponto, no qual se destaca a figura do empreendedor, Dolabela (2018) ressalta que o empreendedor é um agente de transformação, contribuindo para o desenvolvimento econômico, com o desenvolvimento social e tecnológico e abrindo o caminho para as inovações. Nesta mesma linha Brown e Thornton (2013) apontam que o empreendedor e o empreendedorismo têm um papel de fundamental para o equilíbrio de do mercado, funcionando como um motor gerador de novas oportunidades de trabalho no mercado e de desenvolvimento.

Ainda segundo Brown e Thornton, os modelos econômicos que não levam em consideração o papel do empreendedor, terão problemas nas suas políticas econômicas, uma vez que o empreendedorismo atua como um balizador entre as oportunidades de mercado e

geração de empregos, logo, as políticas econômicas terão dificuldades de acompanhar o ritmo do empreendedorismo. Baggio & Baggio (2014) destaca que o Brasil tem um grande potencial empreendedor que ainda é pouco explorado e que é um país que tem potencial para uma grande revolução empreendedora.

Para isso, Valente e Costa (2018), destacam a importância e a necessidade de desenvolver ecossistemas empreendedores. Para Valente e Costa (2018) um ecossistema empreendedor é formado por um grupo de elementos que estão interligados e que se relacionam de forma formal ou informal, buscando interceder em um determinado setor empresarial. Portanto, esse ambiente torna-se favorável para o desenvolvimento de novos negócios e também na interação entre empreendedores, universidades e governo.

Segundo Baggio e Baggio (2014) o papel do empreendedorismo no processo de desenvolvimento econômico vai além do aumento dos aspectos relacionados a produção e a renda, pois, de acordo com autores, envolve a criação de mudanças estruturais, não apenas de um negócio, mas de toda sociedade.

Em uma pesquisa realizada pela Endeavor (2014), sobre a cultura empreendedora no Brasil, revelou que 61% dos entrevistados manifestaram interesse de abrir um negócio próprio nos próximos cinco anos e que 51% gostariam de ter um negócio próprio no momento da entrevista. No ano de 2017, segundo levantamento realizado pela pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), aproximadamente 50 milhões de brasileiros já estavam empreendendo e/ou já empreenderam no ano de realização da pesquisa.

No estudo do GEM foi possível identificar também um leve aumento nos índices no denominado “empreendedorismo por oportunidade”, os dados demonstram que dos 58,4% dos empreendedores iniciais, 39,9% começaram a empreender após a identificação de uma oportunidade.

Portanto, torna-se evidente a importância e os impactos do empreendedorismo na economia e na sociedade, principalmente no que diz respeito a geração de emprego, de negócio e, conseqüentemente, de renda.

## 2.2 Educação empreendedora

Conforme destacado na seção anterior a importância do empreendedorismo é um determinante para o crescimento econômico e desenvolvimento social dos Estados. Entretanto, esse debate torna-se ainda mais relevante levando em conta que as escolas a partir de 2020 deverão ofertar na sua grade o ensino de empreendedorismo, tanto em escolas públicas como também nos particulares, segundo a Portaria nº 1.432/2018 do Ministério da Educação.

De acordo com Kyrö (2008) há dois grandes desafios que os educadores devem passar, o primeiro desafio é entender que as atitudes do aluno serão muito mais importantes que as ideias e conceitos trazidos pelos professores para dentro da sala de aula. O segundo é que para aplicar uma metodologia voltada para criatividade e a inovação é preciso trabalhar com uma pedagogia de ensino focada na aprendizagem ativa. Nota-se, portanto, que há espaço para grande variedade de estudos, os quais focam em programas de estudo da educação empreendedora (Bae et al., 2014),

Segundo Lopes (2010) há um receio por parte dos educadores que associam os termos empreendedorismo e o termo educação empreendedora com a formação de mão de obra para o mercado de trabalho. Segundo ele, parte do receio gerado pelos educadores ao ensino de empreendedorismo, ocorre pela preocupação de apenas formar mão de obra para as

empresas, porém, a inserção desses alunos na sociedade ocorre também através de um aprendizado de um ofício e conhecimentos econômicos.

Vale ressaltar que há diferenças entre a educação empreendedora e outras metodologias que visam o ensino de negócios, onde o primeiro tem foco na identificação de oportunidades através de ideias criativas e como tirá-las do papel, para posteriormente virar um negócio ou não, e a segunda visa ensinar ferramentas gerenciais para o negócio em si. Esta posição é corroborada por Saraiva, De Oliveira e Lopes (2020) que em seu estudo destacam a relação entre o grau de escolaridade proprietários/gestores, no qual a baixa qualificação/escolaridade reflete negativamente na gestão das indústrias pesquisadas, pela má gestão dessas.

Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequena Empresa (SEBRAE, 2017), o ensino do empreendedorismo vai muito além de abrir um novo negócio, sendo um novo modelo de pensar e uma competência que pode ser aprendida. Porém a mudança de pensamentos exige muito foco no aprendizado. Desta forma, a educação empreendedora (EE) ocorre para empoderar pessoas com atitudes e mentalidade empreendedoras, para que tais habilidades no futuro se tornem ferramentas para soluções de diversos problemas.

É notório que o ensino de empreendedorismo vem tornando-se o foco de diversos país pelo mundo, porém Kyrö (2008) alerta que essa mudança de foco da educação para a educação empreendedora, reforça a necessidade de rever os conceitos sobre educação e empreendedorismo. Gibb (2005) diz que o ensino de empreendedorismo deve levar em conta o comportamento humano e as necessidades necessárias para o indivíduo ou o coletivo criar, enfrentar e desfrutar das mudanças e da inovação para atingirem a realização pessoal em um ambiente altamente incerto.

Segundo Dolabela e Fillion (2013) o empreendedorismo deve ser entendido como uma cultura que se expressa através de um determinado tipo de pensamento e ação, em outras palavras, a educação empreendedora forma uma cultura voltada para o ensino de habilidades capazes de preparar os alunos para a identificação de oportunidades em cenários de incertezas. Nesse sentido Reina e Santos (2017) destacam a importância de que haja um meio para a criação de estímulos educacionais que apoiem os jovens a buscarem empreender cada vez mais por oportunidade, pois estes estarão mais bem preparados para os desafios.

De acordo com Lopes, Lima e Nassif (2017), em uma época onde o número de desempregados cresce e as oportunidades de trabalho diminuem, mesmo para os jovens mais capacitados, como os universitários, o empreendedorismo entra para ajudá-los a ampliar as oportunidades de carreira. Para Dolabela e Fillion (2013), se a sociedade muda é necessária que haja abordagens práticas para acompanhar essas mudanças e para permitir que as mesmas aconteçam. Nesse sentido a mudança deve começar pela base e não pelo topo.

Silva *et al.* (2014) explicam que a educação empreendedora é percebida como uma ação apta de desenvolver uma base que é viável de criar condições para a formação de indivíduos preparados para a identificar e criar oportunidades por meio da inovação. De acordo com Wilson, Kickul e Marlino (2007) dentre os fatores motivadores do empreendedorismo tem-se a orientação ao desenvolvimento pessoal e econômico com destaque para o papel do conhecimento como fator-chave para inserção e geração de novas ideias e negócios.

Walter & Block (2016) apontam que embora haja pesquisas que apontem para o sucesso entre Educação Empreendedora (EE) e a Intenção Empreendedora, há estudos que apontam um efeito negativo e desanimador e que, esses resultados apontam para que o ambiente pode ser um fator regulador da educação empreendedora. Esses resultados

também devem ser considerados na implementação do ensino empreendedor nas escolas brasileiras. Em seu estudo, (Horst & Silveira (2020) concluem que a eficiência das ações educacionais desenvolvidas por um organismo público tem relevante contribuição para o escopo das políticas públicas e para alavancar o desenvolvimento local a partir da inclusão produtiva dos empreendedores.

Ainda para Walter e Block, os resultados sobre a educação empreendedora podem sofrer com fatores ambientais, eles afirmam que a educação empreendedora gera mais intenções empreendedoras nos ambientes mais hostis. Essa visão também é compartilhada por Acs (2006) onde ele aponta que em países em estado de desenvolvimento, os níveis de empreendedorismo mostraram-se mais elevados do que nos países desenvolvidos. Isso ocorre segundo os autores pois a associação entre necessidade empreendedora e desenvolvimento econômico negativo é mais frequente em países em desenvolvimento, onde há mais oportunidades a serem exploradas, ao contrário das dos países desenvolvidos.

Portanto, ao ser considerada a implementação da educação empreendedora na grade curricular das escolas, deve estar bem atento a fatores que estão além dos muros das escolas e o ensino deve estar pautado em uma aprendizagem ativa e nas atitudes e comportamentos dos estudantes.

### 2.3 Intenção empreendedora

A conceituação de Intenção Empreendedora é abrangente e envolve fatores diversos, tanto os relacionados às características dos empreendedores, quanto os relativos à hábitos, valores, crenças e competências pessoais. Nos estudos que focam a perspectiva da abordagem comportamental e traços de personalidade, abordam uma valores observáveis diverso (Turker & Sonmez, 2009).

O estudo da intenção empreendedora (IE) é um tema que vem sendo bastante discutido nas últimas décadas. Autores como Carvalho e González (2006), Baggio e Baggio (2014), Birchler e Teixeira (2017) e Ajzen (1991), destacam que o centro para entender a intenção empreendedora passa pela Teoria do Comportamento Planejado (TCP), na qual mede-se os esforços e fatores que levam até a tomada de decisões sobre a possibilidade de empreender ou não.

Dentre os estudos sobre empreendedorismo e a intenção empreendedoras em diversos contextos e que acrescentaram aspectos análises relevantes aos modelos tradicionalmente utilizados, destaca-se o estudo de Tsai, Chang e Peng (2016) que ressalta o crescimento do domínio substantivo se dá em detrimento do conceitual. O crescimento da pesquisa que apresentaram significativas contribuições para o campo de estudo da Intenção Empreendedora, desde os trabalhos de Shapero (Shapero & Sokol, 1982 e (Shapero, 1984) e trabalhos mais recentes como Fitzsimmons e Douglas (2011) e Kolvereid (2016).

Fatores como a **atitude** que o indivíduo possui para encarar novos desafios e a capacidade de encontrar oportunidades. As **normas subjetivas**, acontece quando o sujeito reflete sobre o seu comportamento e as reações das pessoas que fazem parte do seu convívio pessoal ao serem confrontados com essa intenção empreendedora. O **comportamento**, que pode ser entendido como a capacidade do futuro empreendedor em diferenciar o nível de dificuldade que aquela ideia tem, se é o momento exato ou não de colocar em prática. Essa percepção ainda segundo Ajzen (1991) pode ser levada em consideração experiências do próprio sujeito ou por pessoas próximas a ele que já viveram situações parecidas em outros momentos.



Como já foi observado no presente artigo, o ato de empreender requer uma certa quantidade de características e fatores, sejam eles internos ou externos, até a tomada de decisão em si, e por este motivo o estudo sobre a Intenção Empreendedora (IE) se faz necessário. Segundo Carvalho e González (2006), para atingirem o sucesso nos seus negócios, os futuros empreendedores devem possuir uma forte intenção empreendedora, além de reunir algumas características fundamentais para desempenhar as funções empresariais.

Deste modo, ainda de acordo com Carvalho e González, a IE pode ser compreendida em três situações: planejamento da ideia, ideação no momento da tomada de decisão e a desistência da ideia. O **planejamento da ideia** ocorre quando o indivíduo começa a desenvolver a sua ideia. Esse desenvolvimento poderá durar até que o mesmo julgue o momento certo ou esperar que as condições sejam favoráveis para pôr em prática sua ideia. O **tempo da tomada de decisão** pode ser menor se o indivíduo se deparar com uma oportunidade de negócio. A terceira situação é aquela em que embora o indivíduo encontre uma oportunidade no mercado, tenha os recursos e conhecimento necessário, tomar a decisão de **não aplicar sua ideia**.

Já para Baggio & Baggio (2014), os fatores que influenciam a intenção empreendedora são os fatores **personais**, que são aqueles que envolvem fatores como a busca por reconhecimento pessoal, sucesso do negócio, mudança de vida ou por perda de emprego ou dificuldades de se recolocar no mercado. Outro fator que tem influência é o **ambiental**: uma vez que os fatores pessoais forem definidos, ou seja, pela busca de realizações pessoais ou a perda do emprego, os fatores ambientais que levaram a abrir um negócio ou um projeto, serão sempre por motivos de oportunidade ou necessidade. Por fim, o terceiro fator será o **sociológico**, que são quando um grupo de pessoas com a mesma visão e pensamentos parecidos se juntam para começar um negócio ou projeto ou quando um grupo de pessoas se juntam para confrontar o empreendimento ou a ideia de negócio.

Desta forma, a IE pode ser utilizada para prever situações futuras, mesmo que ainda não seja possível tais previsões serem totalmente assertivas. Além de compreender os caminhos que levam os empreendedores a tomarem decisões. Segundo Trice (1991) se forem consideradas as escolhas de carreiras feitas por adolescentes, ainda no ensino médio, e os fatores que estão ligados de forma intrínseca ou extrínseca, poderia contribuir de forma significativa possíveis escolhas profissionais futuras dos mesmos.

Assim, o presente artigo tem por objetivo compreender quais fatores podem influenciar os jovens estudantes do ensino médio/técnico na escolha de empreender. Vale ressaltar ainda que, essa escolha tem um impacto significativo no médio e longo prazo no PIB do Brasil, uma vez que os pequenos e médios negócios contribuem e movimentam a economia do país, gerando renda e abrindo novas oportunidades de empregos.

### 3 METODOLOGIA

Ao ser considerada a replicação de Rocha, Silva e Simões (2012), este estudo buscou manter a paridade entre os critérios estabelecidos para a investigação original, sem, no entanto, utilizar os mesmos procedimentos metodológicos, devido ao fato da pesquisa sobre a intenção empreendedora em terras brasileiras ainda se encontrar em estágio inicial.

A amostra utilizada para a realização deste estudo inicial foi composta por 83 estudantes da educação técnica de nível médio de uma escola localizada no Município de São Luís Estado do Maranhão Brasil. Explicita-se que após a coleta dos questionários foram considerados apenas 66 respondentes como válidos, em virtude de alguns questionários

apresentarem inconsistência e, desta forma, foram descartados. O questionário foi elaborado com 19 questões fechadas com assertivas conforme apresentadas no Quadro 1.

	ASSERTIVA
1	Tenho interesse em começar um negócio após o término do ensino médio.
2	Meus amigos me apoiaram na minha escolha por empreender.
3	Meus pais me apoiaram na minha escolha por empreender.
4	A minha escola aborda temas que me fazem pensar em empreender.
5	As atividades extracurriculares ofertadas pela escola me motivam a empreender.
6	Não me sinto preparado(a) para empreender.
7	Meu objetivo pessoal é ser empreendedor.
8	Acredito que seja muito difícil começar a empreender.
9	Empreender para mim só na falta de opção de trabalho formal.
10	Tenho vontade de ter um negócio inovador no futuro.
11	Não me sinto capaz de iniciar e gerenciar um negócio.
12	Empreender para mim tem mais benefícios do que malefícios.
13	Meus pais possuem um negócio e pretendo continuá-lo no futuro.
14	Acredito que se iniciar um negócio serei uma pessoa de sucesso.
15	Pretendo empreender em curto prazo para ajudar a minha família.
16	Empreender não é importante para mim.
17	Não tenho o conhecimento necessário para empreender.
18	Possuo muito interesse pelo tema, mas ainda não teria coragem de empreender nos próximos anos.
19	Tenho desejo de iniciar uma startup no futuro.

Quadro 1 – Assertivas estabelecidas para o estudo

Fonte: Elaborado pelos autores

### 3.1 Análise dos dados

A utilização da escala do tipo Likert de cinco pontos, tem por objetivo de verificar o grau de concordância ou não dos estudantes participantes com as hipóteses estabelecidas por meio do cálculo do *Ranking* Médio (RM) da pontuação atribuída às respostas, realizando-se depois o relacionamento da frequência das respostas dos respondentes. Por fim, para o cálculo do RM foi utilizado como método de análise, sendo estabelecido que valores menores que três seriam considerados como discordantes, valores maiores que três como concordantes e o valor exatamente igual a três seriam considerados como o ponto neutro ou indiferente.

### 3.2 Descrição do campo de pesquisa

Para a realização deste estudo, foi selecionada uma escola do ensino médio de tempo integral que oferece para seus alunos cursos técnicos ou profissionalizante. Optou-se pelo Colégio Universitário da Universidade Federal do Maranhão (COLUN), criado através da Resolução nº 42 de maio de 1968. A escola funciona como uma Instituição de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, abrangendo o ensino fundamental, médio regular (1º, 2º e 3º ano) e ensino médio técnico integrado (Cursos de Administração e Meio Ambiente) e Curso Técnico Subsequente (Enfermagem).

Foram considerados apenas os estudantes da modalidade do Ensino Médio Técnico Integrado matriculados nos cursos de administração e meio ambiente, curso que possui na



sua grade curricular o ensino de empreendedorismo. O curso de administração é ofertado a mais de vinte anos, tem a duração de 18 meses e seu objetivo é formar técnicos administrativos com visão holística das organizações, além de proporcionar conhecimentos específicos como planejamento, organização e controle, para que os jovens possam estar preparados para o mercado de trabalho.

Ofertado desde 2002, o curso técnico em meio ambiente tem como objetivo formar profissionais capazes de atuar com desenvolvimento sustentável. Os profissionais formados através do curso têm a capacidade de lidar com questões ambientais complexas que envolvam as empresas privadas, órgãos públicos e organizações não governamentais.

### 3.4 Análise dos dados

Foram obtidos 66 (sessenta e seis) questionários válidos, onde 66,7% dos alunos possuem entre 16 a 18 anos de idade e 59,1% são do sexo feminino e 49,9% do sexo masculino. Destes alunos, 48,5% estão matriculados no 2º ano, enquanto 28,5% estão no 1º e 3º ano do ensino médio. Ao serem questionados sobre como se autodeclararam, 58,5% se declararam pardos, enquanto 24,6% se consideram brancos, 13,8% pretos e 3,1% outros.

Dos estudantes entrevistados 55,4% estão matriculados no curso técnico de Administração e 44,6% estão matriculados no curso técnico em Meio Ambiente. Quando questionados sobre o que os levou a escolha do curso obteve-se que 39,4% possuíam familiaridade com a área de formação, conforme apresenta o Gráfico 1, enquanto 33,3% afirmaram que as opiniões dos familiares pesaram na hora da escolha e 24,2% levaram em conta a escolha profissional como opção própria. Outro ponto destacado pelos dados da pesquisa é o fato de 19,7% dos alunos apontarem a vocação para a escolha do curso. Desta forma, percebe-se que os estudantes estão possivelmente buscando encaixar suas habilidades e competências pessoais em áreas em que possuem algum tipo de conhecimento prévio, pensando, assim, em um possível desenvolvimento de carreira profissional em uma área que lhes permita atuação com satisfação pessoal.

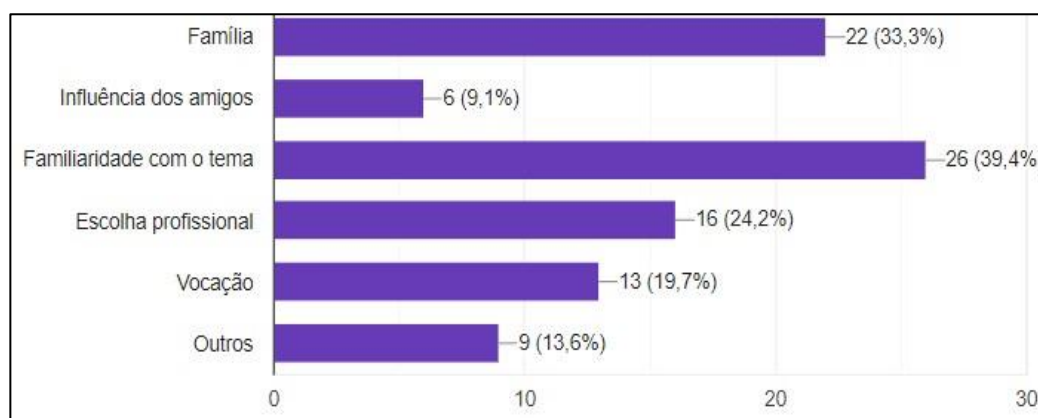


Gráfico 1 – Motivações para a escolha dos cursos.

Fonte: Dados obtidos na pesquisa (2021).

A identificação das habilidades e competências são os primeiros passos para a tomada de decisões futuras sobre empreendedorismo, porém, como é possível observar, as influências externas que são exercidas pelos familiares sobre o indivíduo, por meio das suas crenças, valores e visão de vida, também têm impacto direto sobre a intenção empreendedora futura.

Outro fator que pode contribuir com a percepção de competências e habilidades dos alunos são as participações em eventos que envolvam a temática do empreendedorismo. Esse conhecimento extra proporciona o entendimento de como funciona o ecossistema empreendedor onde o indivíduo está inserido, além de fomentar a troca de experiências com outros empreendedores. Como pode ser observado no Gráfico 2, que apresenta as ações e os eventos sobre empreendedorismo que os estudantes participantes do estudo estiveram, percebeu-se que ainda há um número muito expressivo de estudantes que afirmaram que nunca participaram de nenhuma ação.

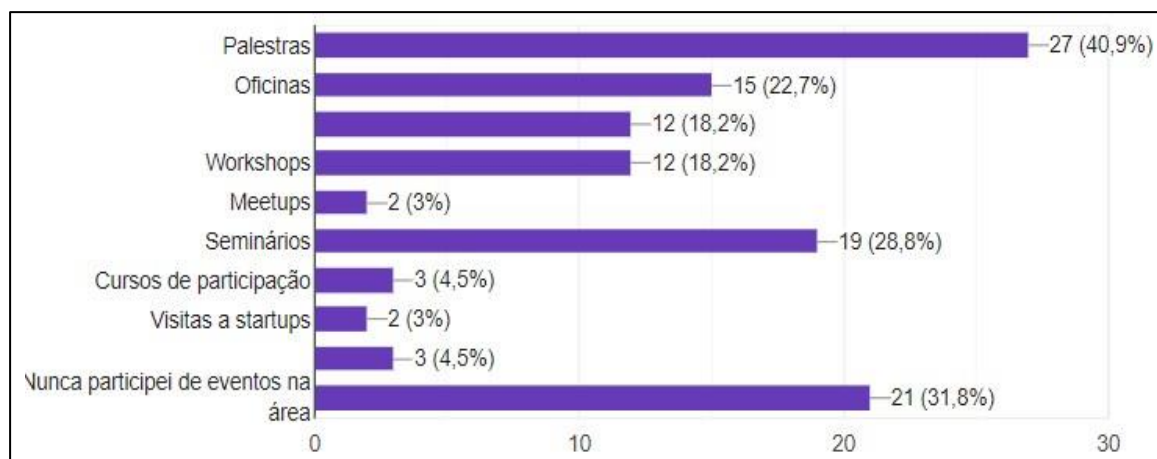


Gráfico 2 – Participações em eventos sobre empreendedorismo pelos estudantes.  
Fonte: dados obtidos na pesquisa (2021).

Um total de 40,9% dos estudantes afirmara que participaram de palestras na área pelo menos uma vez, enquanto 31,8% afirmaram que nunca participaram de nenhuma ação. Esse envolvimento em eventos extracurriculares pode influenciar na percepção do estudante sobre abrir ou não um negócio, considerando uma ação mais simples ou mais complicada, ou ainda, se está preparado para iniciar e gerenciar um negócio. Outro dado que chamou bastante atenção foi a constatação de que pelo menos 50% dos estudantes possuem algum membro próximo da família que empreende, conforme demonstrado no Gráfico 3.

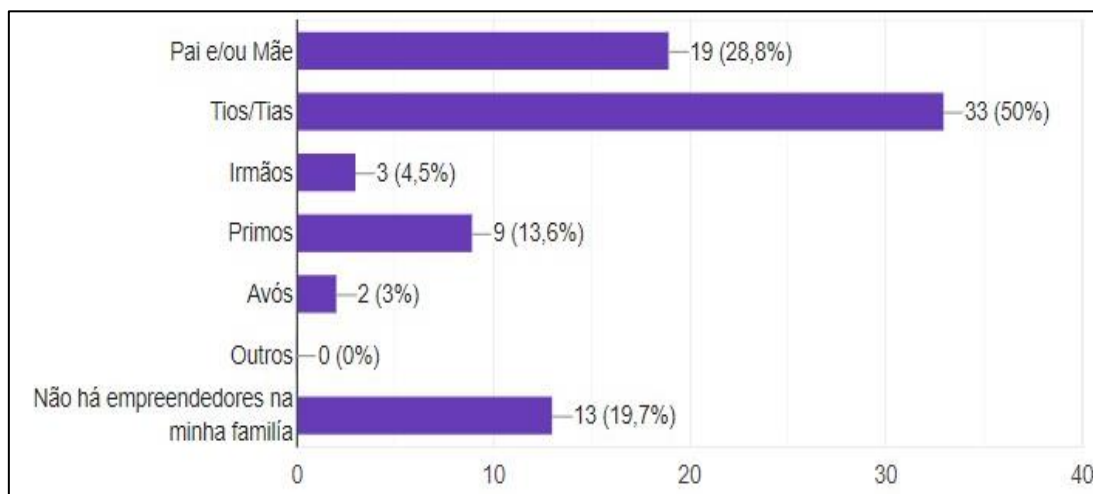


Gráfico 3 – Empreendedores na família.  
Fonte: dados obtidos na pesquisa (2021).

Observa-se que metade dos alunos alegaram que possuem pelo menos um tio ou tia que empreende atualmente, e 28,8% possuem pai e/ou mãe que possuem algum negócio na família, enquanto apenas 19,7% dos entrevistados não possuem empreendedores na sua família. Se comparar essa informação quando questionado com quem os estudantes moram atualmente, 62,5% afirmam que moram com pai e a mãe, enquanto 19,7% mora apenas com o pai ou a mãe e 6,1% com os tios. Portanto, o estudante possui mais convívio com essas três figuras familiar, onde 78,8% dos negócios familiares são tocados ou pelos pais ou tios dos entrevistados, além de 88,3% dos jovens convivem com uma das três figuras.

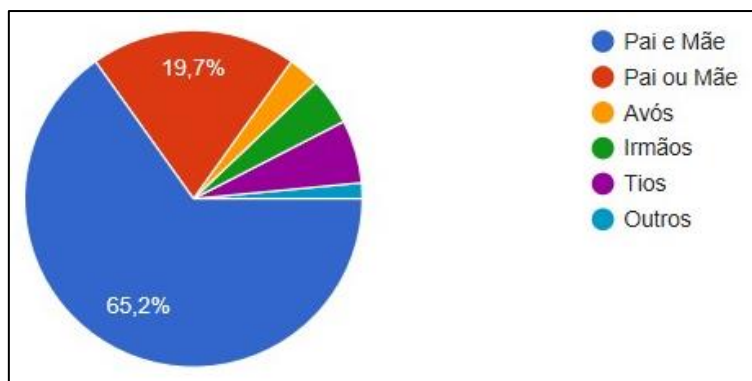


Gráfico 4 – Com quem você mora atualmente.  
Fonte: dados obtidos na pesquisa (2021).

Destaca-se nos dados da pesquisa que, dos pais ou responsáveis que exercem alguma atividade autônoma, 73,9% são microempreendedores individuais (MEI), 13% já empreendem com um familiar ou amigo e 13% está começando um novo negócio, conforme apresentado no Gráfico 5. A formalização dos negócios é um ponto bastante positivo na economia do país, e a adoção do MEI traz uma série de benefícios para o empreendedor, que obtém seguridades social, direito a aposentadoria, auxílios governamentais dentre outros. Além disso mostra que

a busca pela iniciação de novos empreendimentos está surgindo através do reconhecimento de oportunidades de negócios, que exigem a legalização para atuar.

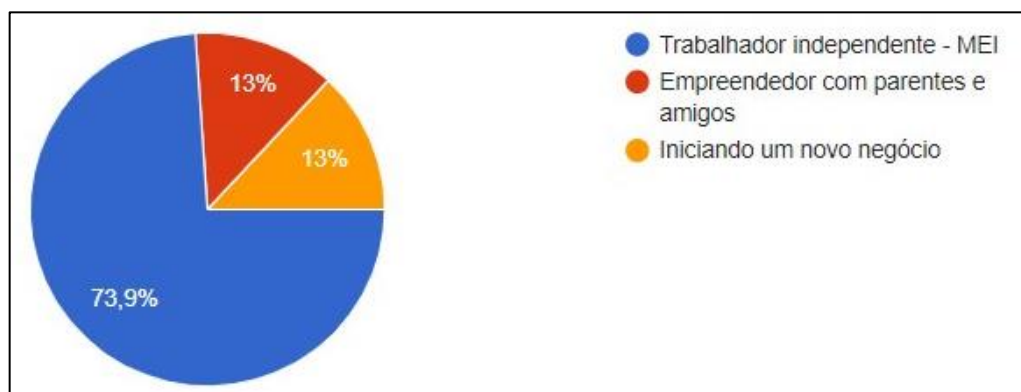


Gráfico 5 – País e responsáveis que exercem atividades autônomas.  
Fonte: dados obtidos na pesquisa (2021).

O nível de escolaridade dos pais e responsáveis mostra que 48,5% estudaram somente até o ensino médio e que 36,4% possuem ensino superior completo e que 10,6% superior incompleto. Esses dados apontam para um bom nível educacional em que os estudantes estão inseridos e que podem influenciar na decisão de empreender após o ensino médio ou ingressar em um curso superior.

Posteriormente solicitou-se aos participantes que indicassem, em uma escala do tipo Likert onde: **1 = Discordo totalmente; 2 = Discordo parcialmente; 3 = Indiferente; 4 = Concordo parcialmente e; 5=Concordo totalmente**, a partir de suas próprias percepções o grau de concordância com as afirmativas apresentadas acerca de suas intenções de empreender. A Tabela 1 apresenta as frequências relativas obtidas com cada uma das assertivas estabelecidas, sendo calculado também o *ranking* médio (RM) de cada uma delas.

Nº	Assertiva	FREQUÊNCIA RELATIVA					RM
		1	2	3	4	5	
1	Tenho interesse em começar um negócio após o término do ensino médio.	9,09%	12,12%	27,27%	28,79%	22,73%	3,44
2	Meus amigos me apoiariam na minha escolha por empreender.	10,61%	7,58%	27,27%	30,30%	24,24%	3,50
3	Meus pais me apoiariam na minha escolha por empreender.	3,03%	1,52%	16,67%	33,33%	45,45%	4,17
4	A minha escola aborda temas que me fazem pensar em empreender.	15,15%	13,64%	22,73%	31,82%	16,67%	3,21
5	As atividades extracurriculares ofertadas pela escola me motivam a empreender.	21,21%	24,24%	24,24%	21,21%	9,09%	2,73
6	Não me sinto preparado(a) para empreender.	18,18%	18,18%	28,79%	21,21%	13,64%	2,94
7	Meu objetivo pessoal é ser empreendedor.	28,79%	9,09%	43,94%	10,61%	7,58%	2,59
8	Acredito que seja muito difícil começar a empreender.	15,15%	21,21%	16,67%	28,79%	18,18%	3,14
9	Empreender para mim só na falta de opção de trabalho formal.	24,24%	27,27%	24,24%	18,18%	6,06%	2,55
10	Tenho vontade de ter um negócio inovador no futuro.	4,55%	10,61%	27,27%	22,73%	34,85%	3,73
11	Não me sinto capaz de iniciar e gerenciar um negócio.	22,73%	22,73%	31,82%	15,15%	7,58%	2,62

Nº	Assertiva	FREQUÊNCIA RELATIVA					RM
		1	2	3	4	5	
12	Empreender para mim tem mais benefícios do que malefícios.	4,55%	4,55%	34,85%	4,85%	21,21%	3,64
13	Meus pais possuem um negócio e pretendo continuá-lo no futuro.	56,06%	12,12%	16,67%	3,64%	1,52%	1,92
14	Acredito que se iniciar um negócio serei uma pessoa de sucesso.	7,58%	3,03%	24,24%	0,91%	24,24%	3,71
15	Pretendo empreender em curto prazo para ajudar a minha família.	9,70%	12,12%	37,88%	21,21%	9,09%	2,88
16	Empreender não é importante para mim.	3,94%	27,27%	22,73%	4,55%	1,52%	1,92
17	Não tenho o conhecimento necessário para empreender.	9,70%	24,24%	27,27%	19,70%	9,09%	2,74
18	Possuo muito interesse pelo tema, mas ainda não teria coragem de empreender nos próximos anos.	6,67%	24,24%	30,30%	19,70%	9,09%	2,80
19	Tenho desejo de iniciar uma startup no futuro.	2,73%	4,55%	33,33%	22,73%	16,67%	3,06

Tabela 1- Autopercepção dos alunos sobre a sua própria intenção empreendedora

Fonte: Elaborada a partir de dados da pesquisa

Conforme apresentado na tabela 1, é possível verificar no item 1 (3,44), 9 (2,55), 11 (2,6), 16 (1,9) e 17 (2,74) que os estudantes possuem um forte interesse em começar um negócio após a conclusão do ensino médio, mantendo a intenção to em empreender a médio ou longo prazo. Além disso, é possível identificar que os mesmos se sentem preparados para iniciar um novo negócio e que empreender não se torna uma opção apenas na falta de vagas de empregos no mercado de trabalho, mas sim como algo importante. Dessa forma, os indivíduos apresentam uma das características apontadas por Ajzen (1991) tendo a atitude necessária para empreender, mostrando-se atento às oportunidades à sua volta.

Além disso, os itens 2 (3,50), 3 (4,17) e 4 (3,21) relacionam-se às normas subjetivas apontadas por Ajzen (1991), ou ambientais segundo Baggio e Baggio (2014), onde o estudante leva em consideração fatores externos a ele, como apoio de membros da família e amigos, aceitação das suas ideias e um ambiente que o leve a ter ideias de negócios. Esse ambiente favorável ao empreendedorismo que Dolabella e Fillion (2013) apontam como fundamental na educação empreendedora, preparando os estudantes para identificar, estruturar e aplicar as suas ideias de negócios. Como apresentado neste trabalho, o entendimento do apoio dos pais e/ou responsáveis têm relação com o número de estudantes que possuem empreendedores na sua família e o seu convívio com os mesmos.

Os estudantes apresentaram um alto nível de confiança e positividade quando se trata da intenção em empreender, como se pode observar nos itens 12 (3,64) e 14 (3,71), onde se mostra que na visão dos entrevistados iniciar um novo negócio tem mais benefícios que malefícios e que se empreenderem no futuro, terão sucesso. Esse otimismo ocorre mesmo quando o item 8 (3,14) aponta que, para eles, começar um empreendimento é algo difícil.

Contudo, como verificado no item 7 (2,59) em que não faça parte dos objetivos pessoais ser um empreendedor, os estudantes mostram nos itens 10 (3,73), 18 (2,80) e 19 (3,06) que possuem intenção de iniciar um negócio inovador no futuro, muito interesse pelo tema e coragem para começar.

Um ponto que fica bem claro nessa análise é o que aparece no item 15 (2,88) é que os estudantes destacam que estão buscando empreender por oportunidade ao invés de necessidade, o que contribui para a construção de negócios autossuficientes no futuro como apontam Reina e Santos (2017). Por fim, percebeu-se, no item 5 (2,73), que embora a escola

aborde temas que fomente o interesse dos alunos pela temática do empreendedorismo, os entrevistados apontaram que as atividades extracurriculares não causam o mesmo efeito.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a importância do empreendedorismo para a economia brasileira, o desenvolvimento do estudo buscou compreender a colaboração da educação técnica integrada no ensino médio na intenção empreendedora dos estudantes, bem como quais são os fatores que colaboram para a tomada de decisão para o empreendedorismo, ou seja, a relação entre educação empreendedora e intenção empreendedora.

Identificou-se que os estudantes da educação técnica possuem a intenção de empreender no futuro, buscando oportunidades para aplicar os seus conhecimentos e habilidades desenvolvidas no processo de aprendizagem (educação). Percebeu-se também um alto grau de confiança para a iniciação ou o gerenciamento de negócios, o que demonstra que o ensino técnico conseguiu gerar preparo dos estudantes para o mercado, seja como profissionais ou como empreendedores.

Concluiu-se que os participantes da presente pesquisa apresentaram um alto nível de interesse pelo tema, considerando-o fundamental para as suas vidas. Destaca-se também como resultado da pesquisa, o reconhecimento do papel da escola ao abordar o tema nos cursos de técnico de administração e meio ambiente, fomentando um ambiente propício para o surgimento de novas ideias de negócios. Foi também explicitada a importância do apoio ao jovem empreendedor, que nesta pesquisa apareceu em três figuras próximas a estes, quais são: a escola, os amigos e a família. Esta última, apresenta um papel relevante na intenção empreendedora do indivíduo, principalmente quando há algum empreendedor membro da família.

Portanto, após as análises obtidas considerou-se como positivo a educação técnica para os jovens estudantes do ensino médio, o que estimula em médio e longo prazo o surgimento de novos negócios, com maior probabilidade de começarem por meio da identificação de uma oportunidade por estes estudantes. Essa contribuição do ensino técnico pode ser considerada como um fator fortalecedor do ecossistema de empreendedorismo, gerando mais empreendedorismo por oportunidade e fortalecer a economia local e nacional com negócios mais sustentáveis.

Percebeu-se que ainda não há uma aproximação ideal entre escola e o ecossistema empreendedor local, que experiências como as objeto deste estudo proporcionam maior experiências e troca de conhecimentos entre estudantes e empreendedores, setores públicos e do setor privado. Conclui-se que, a educação empreendedora pode ser um fator determinante da intenção empreendedora, pois, gera acesso ao conhecimento a informações e resulta no preparo e no estímulo a um empreendedorismo mais estruturado e mais eficiente.

Este artigo teve como objetivo contribuir para a elaboração de políticas públicas mais assertivas que favoreçam e propaguem a educação empreendedora, contribuindo assim com o desenvolvimento da economia, da cultura empreendedora e da construção de um ambiente que possibilite o empreendedorismo e a inovação. Por fim, recomenda-se a realização de um novo estudo que amplie o número de escolas participantes.



## REFERÊNCIAS

- Acs, Z. (2006). How Is Entrepreneurship Good for Economic Growth? *Innovations: Technology, Governance, Globalization*, 1(1), pp.97-107.
- Agenciadenoticias.ibge.gov.br. (2019). [online] Available at: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/2507f9a9681eaf34e00b825bcd1c7bf9.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/2507f9a9681eaf34e00b825bcd1c7bf9.pdf) [Accessed 31 Dec. 2019].
- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50(2), pp.179-211.
- Baggio, A. & Baggio, D. (2014). Empreendedorismo: Conceitos e definições. *Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia*, 1(1), pp.25-38.
- Bae, T. J., Qian, S., Miao, C., & Fiet, J. O. (2014). The relationship between entrepreneurship education & entrepreneurial intentions: A meta-analytic review. *Entrepreneurship theory and practice*, 38(2), 217-254.
- BRASIL (2018). Referenciais para elaboração dos itinerários formativos conforme preveem as Diretrizes Nacionais do Ensino Médio. - Portaria nº 1.432, Brasília 28 de dezembro de 2018.
- Birchler, E. & Teixeira, A. (2018). A Intenção Empreendedora de Estudantes e os fatores que a influenciam. *Revista de Negócios*, 22(2), p.7.
- Brown, C. and Thornton, M. (2013). How Entrepreneurship Theory Created Economics. *The Quarterly Journal of Austrian Economics*, pp.401-420.
- Carvalho, Pedro Manuel Rodrigues de, & González, Luis. (2006). Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 12(1), 43-65. Recuperado em 01 de janeiro de 2020.
- De Almeida, F., Valadares, J. & Sediya, G. (2017). A Contribuição do Empreendedorismo para o Crescimento Econômico dos Estados Brasileiros. *REGPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 6(3), pp.466-494.
- Dolabela, F. (2008). *O segredo de Luísa*. Rio de Janeiro (RJ): Sextante.
- Dolabela, F. & Fillion, L. (2014). Fazendo revolução no brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. *REGPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 2(3), p.134.
- GIBB, A. (2005) 'The future of entrepreneurship education – determining the basis for coherent policy and practice?', in Kyrö, P. and Carrier, C. (Eds.): *The Dynamics of Learning Entrepreneurship in a Cross-Cultural University Context*, Entrepreneurship Education Series 2/2005, University of Tampere, Research Centre for Vocational and Professional Education, Hämeenlinna, pp.44–67.
- Fitzsimmons, J. R., & Douglas, E. J. (2011). Interaction between feasibility and desirability in the formation of entrepreneurial intentions. *Journal of business venturing*, 26(4), 431-440.
- Horst, S. A. O., & Silveira, A. D. (2020). Incentivo e inclusão produtiva do empreendedor no município de Foz do Iguaçu. *Revista Competitividade e Sustentabilidade*, 7(2), 491-503.
- Kolvereid, L. (2016). Preference for self-employment: Prediction of new business start-up intentions and efforts. *The International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 17(2), 100-109.
- Kyro, P. (2008). A theoretical framework for teaching and learning entrepreneurship. *International Journal of Business and Globalisation*, 2(1), p.39.
- Lopes, R. (2010). *Educação empreendedora*. 1st ed. Rio de Janeiro: Elsevier.

- Lopes, R., Lima, E. & Nassif. (2017). *Ensino de Empreendedorismo no Brasil: Panorama, tendências e melhores práticas*. 1st ed. Rio de Janeiro, pp.21-43.
- Reina, F. & Santos, R. (2017). Educação Empreendedora: práticas educativas para dinamizar a ascensão pessoal e profissional dos alunos. *Revista Temas em Educação e Saúde*, 13(1), pp.147-163.
- Rocha, A., Silva, M. J., & Simões, J. (2012). Intenções empreendedoras dos estudantes do ensino secundário: o caso do programa de empreendedorismo na escola. *Economia Global e Gestão*, 17(Especial), 77-97.
- Saraiva, A. F. S. S., De Oliveira, N. M., Strassburg, U., & Lopes, W. S. (2020). Micro e pequenas empresas da indústria de transformação no desenvolvimento de Imperatriz-MA: caracterização das indústrias e dos proprietários. *Revista Competitividade e Sustentabilidade*, 7(3), 621-637
- Shapero, A., & Sokol, L. (1982). The social dimensions of entrepreneurship. *University of Illinois at Urbana-Champaign's Academy for Entrepreneurial Leadership Historical Research Reference in Entrepreneurship*.
- Shapero, A. (1984). The entrepreneurial event. In: KENT, C. A. (Ed.). **The environment for entrepreneurship**. Lexington: D.C. Heath, p. 21-40.
- Scribd. (2020). *Relatório Executivo BRASIL GEM 2017 | Empreendedorismo | Desenvolvimento econômico*. [online] Available at: <https://pt.scribd.com/document/407918807/Relatorio-Executivo-BRASIL-GEM-2017> [Accessed 20 Out 2020].
- Sebrae PR | Desenvolvimento de Pequenos Negócios. (n.d.). *Educação Empreendedora | Sebrae-PR | Desenvolvimento de Pequenos Negócios*. [online] Available at: <https://www.sebraepr.com.br/educacao-empreendedora/> [Accessed 17 Sep. 2019].
- Silva, A., Schimiguel, J., Sartor, V. and Catapan, A. (2014). Educação empreendedora como fator de sucesso para inovação sob o olhar da abordagem cts – ciência, tecnologia e sociedade. *IV Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia*.
- Schumpeter, J. A., & Nichol, A. J. (1934). Robinson's economics of imperfect competition. *Journal of political economy*, 42(2), 249-259.
- Tsai, K. H., Chang, H. C., & Peng, C. Y. (2016). Refining the linkage between perceived capability and entrepreneurial intention: Roles of perceived opportunity, fear of failure, and gender. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 12(4), 1127-1145.
- Turker, D., & Selcuk, S. S. (2009). Which factors affect entrepreneurial intention of university students? *Journal of European industrial training*.
- Vale, G., Corrêa, V. and Reis, R. (2014). Motivações para o empreendedorismo: necessidade versus oportunidade? *Revista de Administração Contemporânea*, 18(3), pp.311-327.
- Walter, S. & Block, J. (2016). Outcomes of entrepreneurship education: An institutional perspective. *Journal of Business Venturing*, 31(2), pp.216-233.
- Wilson, F., Kickul, J., & Marlino, D. (2007). Gender, entrepreneurial self-efficacy, and entrepreneurial career intentions: Implications for entrepreneurship education. *Entrepreneurship theory and practice*, 31(3), 387-406.